

O BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS DE ANTUÉRPIA EM 1920

Maj Eduardo Fernandes Ferreira
Ex-aluno da EsEFEx

1 – Introdução

A Olimpíada era o grande acontecimento internacional desportivo do início do século XX, reunindo os melhores atletas da época, numa disputa que se prolongaria por quase duas semanas. Os Jogos se repetem a cada quatro anos, com uma cidade previamente escolhida pelo Comitê Olímpico para servir de sede aos eventos desportivos e culturais ali programados.

Atrai uma imensa e curiosa multidão que vem de várias partes do mundo para assistir às provas e torcer por seus atletas prediletos. Por outro lado, constitui-se no objetivo máximo de qualquer atleta, que não mede esforços nem sacrifícios, durante o longo e cansativo período de treinamento, para ter a honra de participar na sua modalidade, representando o seu país.

A Olimpíada foi inspirada nos lendários Jogos Olímpicos, transcorridos na Grécia Antiga, em homenagem aos deuses gregos. Os Jogos da Era Moderna foram revividos pelo francês Barão Pierre Du Coubertin, que pretendia dar uma ocupação mais nobre aos jovens do final do século XIX, que viviam mais preocupados com futilidades do que com a prática dos esportes. Além disso, era importante diminuir as tensões políticas entre os países da Europa e afastar o perigo iminente da Guerra.

A cidade de Atenas foi selecionada para patrocinar a I Olimpíada, que ocorreu em 1896, com a disputa de várias modalidades de esporte. O Tiro ao Alvo foi in-

cluído devido ao grande número de adeptos do esporte, tanto na Europa como na América.

Os Jogos foram gradativamente crescendo de importância, observando-se uma notável evolução técnica, a ponto dos records não durarem mais do que uma Olimpíada.

A VII Olimpíada, prevista para 1916, na cidade de Berlim, fora suspensa em face do grande conflito que envolveu muitas nações e que enlutou milhares de famílias. A I Guerra Mundial interromperia drasticamente a série dos Jogos, além dos demais eventos desportivos internacionais.

Durante os anos de 1914 a 1918 os estádios, as pistas de atletismo e os stands de tiro permaneceram fechados ou vazios. Milhares de atletas foram convocados pelo Serviço Militar de seus países para lutarem nos diversos fronts espalhados por toda a Europa.

Por ironia do destino, a Guerra iria colocar frente a frente alguns dos melhores atiradores da época, campeões de seus países. Dessa feita, não mais como simples concorrentes a um título mundial mas como inimigos, em decorrência do Estado de Guerra existente entre suas nações.

Vários desses ex-campeões não



mais voltariam a disputar as alegres provas domingueiras em seus clubes de tiro, por terem tombado no "campo de honra", conforme os relatos da revista francesa especializada em Tiro — *Le Tir National*.

Assinada a paz, o movimento olímpico foi retomado pelos países vencedores, tentando, através do esporte, cicatrizar as feridas causadas pela guerra. Não obstante, a Alemanha e a Áustria não seriam convidadas para a Olimpíada da Antuérpia.

O Comitê Olímpico resolveu manter a continuidade da numeração dos Jogos Olímpicos, como se não tivesse havido a interrupção provocada pela I Guerra Mundial. A cidade de Antuérpia foi designada, como uma justa homenagem à heróica resistência de sua população, durante a invasão das tropas alemãs em território belga.

O exército alemão, em seu avanço pela Europa, ocupou a Bélgica e destruiu todas as instalações militares do exército belga, inclusive os seus stands de tiro. Esse fato, como veremos mais adiante, trouxe inúmeros problemas para a organização das provas de tiro.

Os efeitos causados pela guerra ainda estavam muito visíveis. A Bélgica tinha sofrido bastante com a longa ocupação e obviamente não estava preparada para organizar uma Olimpíada. Contudo, graças à persistência do Rei Alberto, grande incentivador do esporte, e ao espírito de cooperação do povo belga, foi possível realizar a Olimpíada. Em menos de um ano foi construído o estádio olímpico, com capacidade para 30.000 pessoas, que se transformaria no palco dos principais acontecimentos desportivos.

No dia da abertura, com a presença do Rei Alberto, foi lido o juramento olímpico por um atleta belga e repetido com grande entusiasmo pelos 2.600 atletas presentes, representantes das 29 nações inscritas. Pela primeira vez, foi hasteada a Bandeira Olímpica, com seus cinco anéis entrelaçados, simbolizando a união do mundo (cinco continentes), através do esporte e as cinco

cores representando as bandeiras de todos os países.

O público presente que lotava o estádio aplaudiu com muita emoção a passagem dos grandes campeões das Olimpíadas passadas, além das equipes mais conhecidas. E foi com muita admiração e simpatia que os belgas aplaudiram uma equipe que pela primeira vez tomava parte nos Jogos Olímpicos — a equipe brasileira —, desfilando garbosamente e tendo como seu porta-bandeira um oficial do Exército Brasileiro, o Tenente Guilherme Pa-
raense.



2. PREPARATIVOS DA EQUIPE BRASILEIRA

Através dos relatórios do Dr. Afrânio Costa, chefe da equipe de Tiro, podemos avaliar as dificuldades que a CBD teve para selecionar e preparar as diversas equipes (Tiro, Remo, Water-Pólo, Natação e Saltos Ornamentais) para os Jogos Olímpicos de Antuérpia. As dificuldades foram sobretudo de ordem estrutural, técnica e econômica.

No entanto, convém ressaltar a abnegação e o sacrifício desses atletas, amadores na verdadeira acepção da palavra, que treinavam com muita seriedade e dedi-

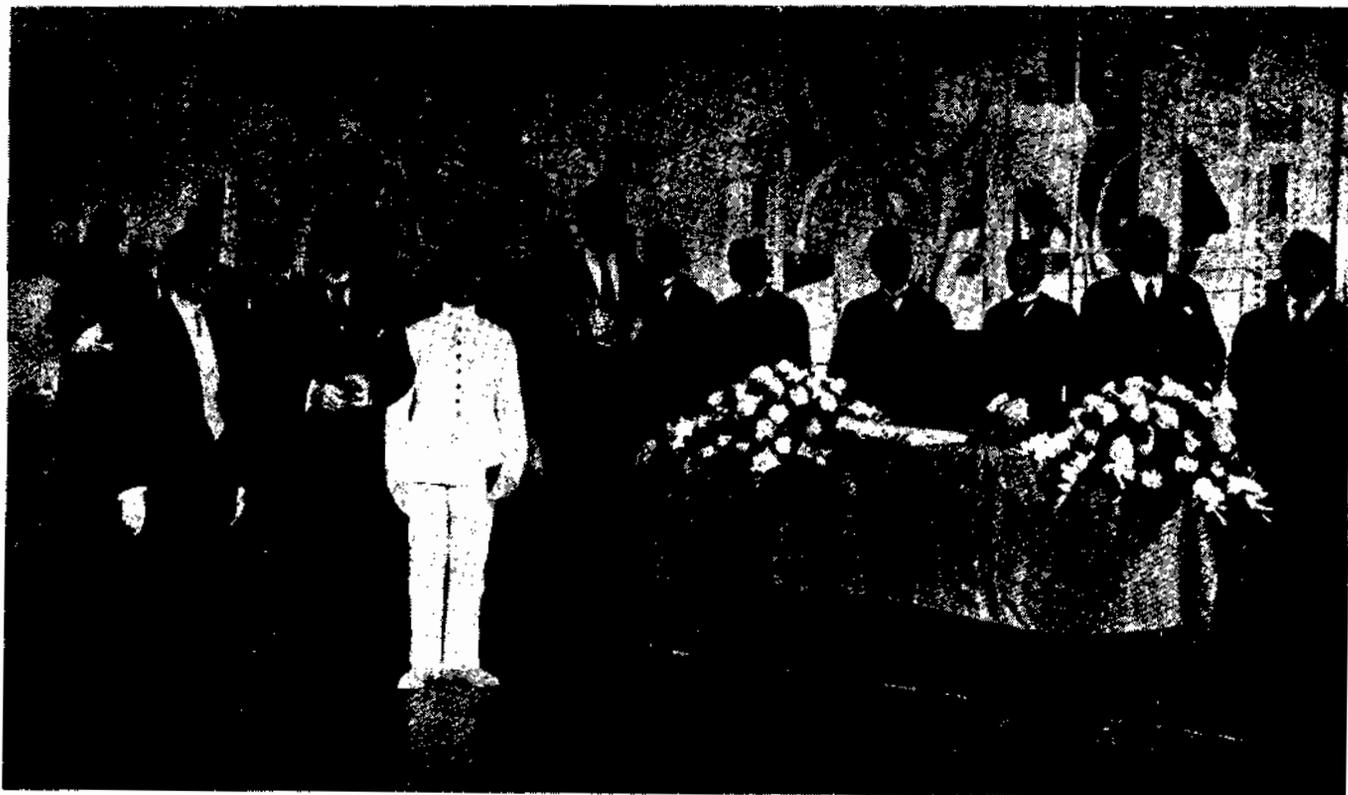
cação, muito embora sem a técnica desejável, buscando alcançar melhores índices, para bem representar o Brasil. Estavam cientes de suas responsabilidades e das enormes dificuldades que iriam encontrar na Europa, competindo com os melhores atletas da época e, no entanto, aceitaram o desafio.

Apesar disso, contavam com o descrédito e a incompreensão de parte significativa da "intelectualidade brasileira", que combatia pelos jornais e revistas o desporto, vendo nele "uma ameaça à juventude e à sua formação", pres-

tando-se mais aos "desocupados".

Por outro lado, inúmeros colaboradores apoiaram nesse momento difícil a nossa equipe, mediante doações, como foi o caso do Sr. Faustin Havelange, proprietário da casa de armas Laporte e pai de João Havelange, atual Presidente da FIFA.

Inegavelmente o Tiro ao Alvo recebeu um valioso apoio do Exército Brasileiro, através da Diretoria Geral do Tiro de Guerra, apoiando os certames seletivos e as provas preparatórias, além de alojar os atiradores civis e militares de outros Estados.



A nossa equipe de tiro ficou assim constituída:

- Capitão da equipe (chefe da equipe) – Dr. Afrânio Costa;
- Equipe de Pistola Livre: Afrânio Costa, Sebastião Wolf, Dario Barbosa, Fernando Soledade e Ten Guilherme Paraense;
- Equipe de Revólver: Ten Guilherme Paraense, Ten Demerval Peixoto, Sebastião Wolf, Fernando Soledade e Mario Maurity.

3. VIAGEM DA DELEGAÇÃO BRASILEIRA

A delegação brasileira seguiu para a Europa no dia 19 de julho de 1920, sob a chefia do Dr. Roberto Trompowsky, a bordo do navio Curvelo, pertencente ao Loyd Brasileiro. Deixava atrás de si as maledicências dos descrentes e dos invejosos, que se referiam às aspirações da equipe, da seguinte forma:

– “Não vão arranjar nem pro bife...”

Do relatório de Afrânio Costa, extraímos os seguintes comentários:

“O Curvelo estava longe de

ser um transatlântico de luxo. Tratava-se de um navio de terceira classe, sem o mínimo conforto, com seus camarotes mais se parecendo com uns cubículos, sem ar, sem mobiliário e ainda acima de tudo sem água. Diante disso, os atletas foram ao comandante Reis Junior e pediram para dormir no bar, pois era mais amplo e mais arejado do que os camarotes. O comandante logo aceitou, porém, com a condição de que só poderiam utilizá-lo como dormitório, após a saída do último freguês do bar. Após arranjarem uns cobertores, todos fizeram a viagem dormindo no chão.

No dia da chegada à Ilha da Madeira, Reis Junior informou ao Dr. Trompowsky que o Curvelo somente chegaria à Antuérpia, no dia 5 de agosto. Entretanto, de acordo com as últimas notícias do Comitê, as provas de tiro deveriam ter início a 22 de julho. Diante desse impasse, o Dr. Trompowsky telegrafou ao Presidente da CBD pedindo remessa urgente de quantia necessária ao prosseguimento da equipe de tiro por terra, a partir de Lisboa. Enviou, também, outro telegrama ao Embaixador do Bra-

sil em Portugal, solicitando reservar passagens no comboio internacional.

Ao chegar em Lisboa, nossa delegação foi informada de que os recursos não haviam chegado. Graças ao Embaixador Belford Ramos, que tomou todas as providências e adiantou a importância necessária à aquisição das passagens, a equipe de tiro pôde prosseguir de trem para Antuérpia.

Já em Antuérpia, essa equipe recebeu do Ministro Barros Moreira a importância de 2.000 francos para a compra de armas e munições, pois tinha sido roubada em Bruxelas em alvos e quase toda a munição 38”.

A aventura dessa equipe não terminava aí, na cidade, sede dos Jogos. O local designado para as provas de tiro situava-se a 18 km. de Antuérpia, no Campo de Beverloo, área destinada ao campo de manobras do exército belga. “Foi com este estado de corpo e de espírito, em que os nossos atiradores, sem dormir e mal alimentados, debilitados ainda mais pelo frio, chegaram a Beverloo, a 26 de julho, ao meio dia.”

4. TREINOS EM BEVERLOO

Os atiradores e o capitão da equipe ficaram instalados em barracas de oficiais subalternos, "em que uma cama de ferro, uma bacia de folha e uma mesa de pinho constituíam toda a mobília. Em todo caso era bem limpo e a gentileza do capitão De Smetts e do tenente Waetts tudo fizeram para nos facilitar."

Cada país ocupava normalmente duas barracas dispostas em linhas ao longo de uma avenida. A bandeira nacional de cada nação concorrente era hasteada diariamente em frente às suas barracas. Uma cantina situada no meio das barracas de "justiça" (apátraco),

— Podem exercitar-se em qualquer lugar!

Fiquei na mesma e insisti se não havia alvos, trincheiras, marcadores, enfim, o necessário para um rigoroso preparo do Tiro.

A resposta deu-me a idéia nítida do concurso:

— Em virtude dos alemães terem destruído os stands, a prova seria em 'Campo Aberto', implicando na ausência de qualquer tipo de auxílio por parte do Comitê de Tiro durante os treinamentos, cabendo ao atirador a responsabilidade do seu próprio material, inclusive os alvos.

Fiquei logo inteirado acerca da ação dos dirigentes do concurso. Nessa mesma noite, procurei

bricado para o concurso.

No dia imediato ao da chegada, ciente que já estava da carência absoluta de material para o exercício, procurei o capitão De Smetts, afável e gentil oficial do 24º Regimento de Infantaria e dele consegui um soldado para fazer sete toscos suportes para alvos.

As oito horas da manhã, sem a menor orientação sobre o local onde nos deveríamos instalar, entregues unicamente à minha iniciativa de chefia de equipe, partimos para o Campo sob uma chuva persistente e copiosa. A três quilômetros de distância, marchando a pé, através de um caminho arenoso, sem qualquer



encarregava-se de servir as refeições aos atiradores e dirigentes; o café era servido a partir das 07:00 horas, ao preço de 1 fr e 75, o almoço, ao meio dia e o jantar às 18:00 horas, ao preço de 3 fr e 50".

Afrânio prossegue em seu relatório: "

"Chegados que fomos, dirigi-me à secretaria para as necessárias instruções, interessando-me mais que os outros quaisquer, pelo 'exercício diário' (treino) da equipe. Indagando então sobre o local, hora, condições etc., obtive a seguinte resposta:

aproximar-me dos americanos, cujo conforto era notável e não necessitavam mendigar esmolas do seu governo para seu sustento. Era o único recurso para remediar os desfalques que houveríamos sofrido em alvos e munições.

Lane e Braeken, dois famosos campeões, jogavam uma partida de xadrez; fui 'peruar' o jogo e, às folhas tantas, arrisquei uma opinião na partida e eles acharam boa. Daí por diante entraram em franca camaradagem e no final da noite já me haviam dado mil cartuchos 38, mil balas 22 e 50 alvos, material expressamente fa-

veículo que nos transportasse e carregados de arma, cavaletes, alvos, munições etc., chegamos ao local. Aí, deparamos com a equipe portuguesa treinando. Como a instalação ficara ao nosso arbítrio, instalamo-nos a seu lado.

O Campo de Manobra de Beverloo estava situado a três quilômetros da estação Bourg-Leopold (local do acampamento dos organizadores e dos atiradores). Era uma vasta planície arenosa, que se estendia por 38 km na direção da Holanda, chegando até suas fronteiras. No lugar destinado às provas, não havia abri-

go ôu árvores, onde nos intervalos dos exercícios pudéssemos descansar.

Após instalados, iniciamos os preparativos para o exercício. E como não houvesse marcadores, nem ao menos trincheiras, éramos nós obrigados a nos revezarmos junto aos alvos, expondo a vida a perigo a cada instante, e perturbando o companheiro que atirava, na inquietação constante que tal situação lhe inspirava.

O tempo entrara em aliança contra os atiradores; um vento frio e cortante obrigava, de quando em vez, a interromper o tiro para aquecermos as mãos, esfregando uma de encontro à outra. E como não houvesse abrigos, ali ficamos até uma hora da tarde, expostos às intempéries. A essa hora viemos almoçar no acampamento, para voltar ao campo às 15 horas e lá ficarmos até a 'boca da noite'.

E assim continuamos com a maior regularidade os exercícios, diariamente, até a realização das provas."

5. REALIZAÇÃO DAS PROVAS

"No dia 4 de agosto, a equipe brasileira de Pistola Livre foi sorteada para atirar no bloco "O", entre as equipes norte-americana e a sul-africana, distando de nós 60 metros.

A inferioridade da única arma livre que possuíamos em relação às aperfeiçoadíssimas dos nossos concorrentes não nos permitia ter a menor esperança.

Destaquei Soledade para atirar em primeiro lugar, o seu resultado ruim atestou imediatamente a inferioridade da arma, pois em revólver era um ótimo atirador. Nesta ocasião o Coronel Snyders, do exército americano e capitão da equipe de Pistola Livre (os americanos apresentaram uma equipe completa para cada arma, isto é, 35 atiradores, além de cinco capitães de equipe, maiores ou coronéis, chefiados por um general), aproximando-se, disse-me:

— Sr. Costa, esta arma não vale nada, vou arranjar duas para os senhores, feitas especialmente para nós pela fábrica Colt.

E voltou dentro em pouco tra-

zendo duas belíssimas armas. Retificadas as armas por ele próprio, entregou-as desejando o melhor resultado. Este não se fez por esperar: Wolf marca mais 39 pontos que Soledade; Dario segue-lhe o exemplo e Paraense obtém mais 20 pontos do que Wolf. Vieram então dizer-nos que, obtendo eu resultado igual ao do Paraense, venceríamos os gregos, em terceiro lugar, por quatro pontos.

Eram 05:30h da tarde e várias equipes, terminadas as provas, vinham se agrupando em torno da nossa. Da primeira série à última, foi aumentando gradativamente até o final. Conseguiu as duas maiores séries (88 e 90 pontos), obtendo um resultado maior 31 pontos do que o Paraense. Classifiquei-me em segundo lugar com 489 pontos, a sete pontos do americano Frederick, obtendo a nossa equipe o terceiro lugar.

No dia 5, pela manhã, havendo limpo cuidadosamente as armas, dirigi-me ao alojamento do Coronel Snyders, para entregá-las com os nossos agradecimentos. A minha gratidão transformou-se em profunda surpresa, quando me disse esperar que eu lhe fizesse a honra de continuar a atirar com a arma e que esperava por ocasião do concurso Pan-Americano de Tiro, em 1922, fosse eu o vencedor da prova".

A prova de Revólver, onde Guilherme Paraense obteve a medalha de ouro, foi assim descrita:

"A equipe brasileira entrou em campo assim constituída: Paraense — Wolf — Soledade — Maurety e Demerval. Afrânio, apesar da forma revelada na véspera, não concorreu à prova de Revólver. Os atiradores resolveram, como já fora praticado na prova de Pistola, fazer o 'Tiro amplo', isto é, atirar simultaneamente para a prova individual e para a da equipe.

Colocados em linha, iniciam a prova, destacando-se desde logo Guilherme Paraense, com uma série de 93 pontos. O campeão brasileiro, em condições normais, readquiria rapidamente a sua forma habitual; a segunda série de 92 pontos, colocou-o em condições de francamente vencer o campeonato.

Muitos atiradores encontravam-se no local e, apesar dos insistentes pedidos que lhes dirigia, seguiam a 'desorientação' geral e foram se instalar atrás de Paraense, que se preparava para iniciar a terceira série. Como não era permitido o uso de luneta ou binóculo por parte dos atiradores, foi a assistência, precedendo ao atirador e ao próprio júri, a primeira a tomar conhecimento do grande feito de Paraense, pois, seus últimos tiros foram acompanhados com grande interesse. Isso porque aquele desconhecido brasileiro estava derrotando o ex-campeão olímpico Alfred Lane!

Sem se importar com a torcida, Paraense terminou muito bem a sua última série, obtendo 89 pontos, sagrando-se o novo campeão Olímpico.

Após o término da apuração, com Paraense tendo recebido os cumprimentos do Presidente da UIT — Daniel Mérillon e dos demais atiradores —, um grupo de atiradores europeus tentou impugnar a vitória do nosso patricio, alegando que o mesmo tinha atirado com um revólver de mira ajustável. Como capitão da equipe, imediatamente intercedi junto ao júri, mostrando-lhe que o regulamento nada determinava sobre o fato e que vários atiradores competiram com armas semelhantes. A partir desse momento ninguém mais pôs em dúvida a vitória de Paraense que recebeu um belíssimo troféu de bronze e uma medalha de vermeil.

Infelizmente o esforço heróico do campeão brasileiro não logrou levantar a equipe, cujos fracos resultados de alguns componentes colocaram-na em quarto lugar, a sete pontos dos gregos.

Esses foram os resultados da Olimpíada de Antuérpia:

a) Prova de Pistola Livre (50 metros — 60 tiros — 18 de ensaio)

- 1) Individual (94 atiradores)
 - 1º Carl Frederick — EUA — 496
 - 2º Afrânio Costa — BRA — 489
 - 3º Alfred Lane — EUA — 482

2) Equipe (17 países)

- 1º Estados Unidos — 2374
- 2º Suécia — 2289
- 3º Brasil — 2264

b) Prova de Revólver (30 metros — 30 tiros — 6 de ensaio)

- 1) Individual
 - 1º GUILHERME PARAENSE — Bra — 274
 - 2º Braeken — EUA — 272
 - 3º Zulauf — Sui — 269

- 2) Equipe
 - 1º Estados Unidos — 1309
 - 2º Noruega — 1285
 - 3º Grécia — 1270

c) Prova de Fuzil Livre (300 metros — 120 tiros — 10 tiros de ensaio/pos)

- 1) Individual
 - 1º Fisher — EUA — 996
 - 2º Larsen — Din — 989
 - 3º Ostenssen —

- 2) Equipe
 - 1º Estados Unidos — 4.879
 - 2º Noruega — 4.748
 - 3º Suíça — 4.698

d) Prova de Carabina (50 metros — 40 tiros — 10 tiros de ensaio)

- 1) Individual
 - 1º Nuesslein — EUA — 391
 - 2º Rothrock — EUA — 386
 - 3º Feuton — EUA — 385

- 2) Equipe
 - 1º Estados Unidos — 1.899
 - 2º Suécia — 1.873
 - 3º Noruega — 1.866

6. RETORNO DA EQUIPE

A notícia sobre o feito da equipe de tiro chegou ao Brasil dias após a vitória de Paraense na prova de Revólver. Foi divulgada através de um jornal da época, de uma maneira bem pitoresca, típica da cidade do Rio de Janeiro, nos anos 20.

“Eis que a sirena do *Jornal do Brasil*, com todo o vigor,

anunciou algo sensacional. A multidão correu para a frente do edifício da Avenida Rio Branco. Um funcionário escreveu num quadro negro o teor de um telegrama de Antuérpia:

— “Os brasileiros Guilherme Paraense e Afrânio Costa conquistaram o primeiro título mundial Olímpico para o Brasil.”

Imediatamente, gritos de entusiasmo se fizeram ouvir, atraindo a atenção das demais pessoas que passavam. Um dos diretores do jornal hasteou a Bandeira Nacional e todos os presentes cantaram emocionados o Hino Nacional. Não faltaram também oradores e pessoas que se diziam amigas ou conhecidas dos atiradores.

A noite, a banda do Corpo de Bombeiros executou Tahnhauser, de Wagner, na Praça Paris. Mas o povo não queria ouvir Wagner. Queria beber chope, servido nos bares mais tradicionais do Rio. O Adolfo, o Lamas e a Galeria Cruzeiro acolheram uma grande multidão, onde os mais famosos oradores cariocas enalteceram a pontaria desses dois heróis, sob ruidosas e demoradas salvas de palmas.

O retorno dos brasileiros não foi mais no Curvelo, triste e desfigurada “banheira” do Loyd, porém, num navio decente, cheio de gente importante, com todas as passagens pagas pelo governo.

Inúmeras autoridades e uma multidão curiosa aguardavam ansiosamente o desembarque da delegação brasileira para conhecer e abraçar o campeão e o vice-campeão olímpico. A revista *Careta* publicou uma grande fotografia, na qual aparecem em primeiro plano, o tenente Paraense e Afrânio Costa, exibindo orgulhosamente seus prêmios.

Em fevereiro de 1921, na sede do Fluminense, o Presidente da República — Epitácio Pessoa —, com todo o seu Ministério, entregou uma placa de prata aos dois desportistas por suas magníficas participações em Antuérpia.

7. REFLEXOS PARA O TIRO NACIONAL

Sem dúvida alguma, a atua-

ção da equipe de tiro trouxe importantes benefícios ao desporto nacional, particularmente ao Tiro ao Alvo. “A notícia correu todo o País dando conta do feito de um punhado de dedicados atletas, que mesmo sem contar com o apoio necessário, demonstraram a capacidade de adaptação e de criatividade do homem brasileiro, superando todos os problemas e obtendo uma vitória memorável”.

Equipes como a da França, uma das melhores do mundo, não obtiveram o sucesso esperado nesses Jogos, a par de toda a sua meticulosa organização. O chefe da equipe francesa, em seu relatório transcrito no *Le Tir National*, fez uma análise completa do treinamento e do apoio do governo francês: “cerca de 8.000 francos foram destinados à compra de 20 fuzis e de 20 modernas pistolas, além de conceder uma bolsa de 120 francos a cada atirador, pelo período de três meses, em que ficaria treinando à disposição do governo”. Apontava como causa do fracasso da equipe “as precárias instalações do stand de tiro, montado ao ar livre, sem oferecer as mínimas condições de conforto aos atiradores. . .”

No Brasil, as principais consequências da vitória de Paraense e da equipe de tiro foram as seguintes:

I — inclusão da competição de Tiro — “Jogos Atléticos Sul-Americanos”, nas festividades do Centenário da Independência, em 1922, no Rio de Janeiro;

II — criação da Federação Brasileira do Tiro ao Alvo, em 1923, sob os auspícios da Liga da Defesa Nacional; o Tiro desligava-se da DGT e da CBD, alcançando a sua maioria desportiva;

III — desenvolvimento do Tiro no Rio e nos Estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Minas Gerais, com o aparecimento de vários clubes de tiro;

IV — regulamentação das provas de tiro, seguindo-se a orientação da UIT, fundada em 1921.